

Paixão como festa

Notas etnográficas sobre a Solenidade de Corpus Christi entre tempos agonísticos

Denise Pimenta e Rosenilton Oliveira



Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da
Universidade de São Paulo

Edição electrónica

URL: <http://pontourbe.revues.org/3284>

ISSN: 1981-3341

Referência eletrónica

Denise Pimenta e Rosenilton Oliveira, « Paixão como festa », *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 Dezembro 2016, consultado o 11 Janeiro 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/3284> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3284

Este documento foi criado de forma automática no dia 11 Janeiro 2017.

Paixão como festa

Notas etnográficas sobre a Solenidade de Corpus Christi entre tempos agonísticos

Denise Pimenta e Rosenilton Oliveira

- 1 Quinta-feira, dia 26 de maio de 2016, pelo advento da solenidade de Corpus Christi, nos reuníamos em um grupo de professores, pós-graduandos em Antropologia Social e graduandos em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) e seguimos para Santana do Parnaíba, região metropolitana da capital do estado de São Paulo. Chegamos à cidade antes das onze horas da manhã. Apesar da insistente sensação de frio, o sol estava presente e ia se movendo para – logo mais, ao meio-dia - atingir sua posição magnânima. O grande grupo se separou em duplas, trios ou grupos menores de pessoas que seguiram para todos os lados no centro da cidade, que ainda se aprontava para a passagem da procissão.
- 2 Localizada às margens do Rio Tietê, a cidade fundada no início do século XVI fervia, tanto de visitantes quanto de moradores locais com seus afazeres. Em Santana de Parnaíba, a festa assume um sabor particular. Inscrita na “Rota dos Bandeirantes”, a cidade servia de ponto de apoio para os navegantes paulistas que desciam rio abaixo rumo ao oeste. Dona do maior conjunto de arquitetura colonial do Estado de São Paulo, a cidade tem nas festas da Semana Santa e no Corpus Christi os pontos altos do turismo local.
- 3 Mulheres, crianças e homens ainda se encontravam agachados e cobrindo com serragem os desenhos traçados a giz branco no asfalto. Num misto de delicadeza e rapidez, mãos cor-de-rosa, azuis, amarelas, avermelhadas e coloridas iam colocando serragem nos espaços vazios. Afinal, é necessário que o tapete esteja pronto para a passagem da procissão, não sendo exatamente uma norma ou regra do ritual, mas um costume popular. A feitura dos tapetes é algo que chama atenção nas muitas festas populares do Catolicismo no Brasil como o Sábado de Aleluia que completa o período ritual da Semana Santa e o Corpus Christi, sendo uma prática portuguesa que chegou por aqui no período da colonização.



Figura 1 - Feitura do Tapete.

Fonte: Denise Pimenta

- 4 O tapete se estende por várias ruas do centro histórico perfazendo um trajeto circular de 850m, no qual início e término são as portas da igreja matriz. Com o objetivo de se realizar um tapete de grande extensão, divide-se a rua em várias partes, que são assumidas por pequenos grupos que têm a responsabilidade de desenhar e preencher seus respectivos espaços principalmente com serragem colorida, mas também podem ser utilizados pó de café, areia, casca de ovo, pedras e até flores. A intenção é que os participantes criem imagens geralmente relativas à Eucaristia, mas podem aparecer temas inovadores como meio ambiente, educação e trabalho. Além de ser comum também desenhos relativos aos temas referentes à Campanha da Fraternidade¹, cujo tema em 2016 é “Casa comum, nossa responsabilidade” e teve o meio ambiente como ponto central da reflexão. Sua realização, assim, é um empreendimento coletivo que envolve várias famílias, amigos, membros da Igreja, mas também pode contar com a breve assistência de visitantes e curiosos.



Figura 2 - Feitura do tapete.

Fonte: Denise Pimenta

- 5 A particularidade de Santana de Parnaíba é que as figuras reproduzidas nos tapetes são organizadas em torno de um tema central: em 2016, optou-se pelo “Jubileu da Misericórdia”, promulgado pelo Papa Francisco em abril do ano anterior. Acrescentou-se à essa temática o cinquentenário da criação da diocese de Jundiá, circunscrição eclesiástica a qual pertence a Paróquia de Sant’Ana de Parnaíba. Trinta painéis concebidos pelo artista plástico Alcides Maia foram reproduzido nas ruas e os desenhos originais integraram a exposição “Corpus Christi: Revelando a Misericórdia de Deus”, que reunia uma sorte de imagens de santos, quadros e objetos litúrgicos. Sob a curadoria do mesmo artista, a Mostra foi patrocinada pela Igreja e pela prefeitura municipal, por meio da Secretaria de Cultura.
- 6 Geralmente, as pessoas se responsabilizam por decorar com os motivos religiosos a área da frente as suas casas ou do local onde trabalham, reunindo parentes e amigos. Cada grupo é responsável por adquirir o material necessário e, caso seja necessário, transformá-lo, como por exemplo, tingindo a serragem. Mesmo sendo um trabalho coletivo, onde a comunidade religiosa se une para fazer o grande tapete de serragem colorida, não deixa de ocorrer uma certa competição entre os vários responsáveis pelos diversos blocos de imagens. Há sempre o interesse de se saber e também de se vangloriar pelo fato de este ou aquele grupo ter realizado a composição mais criativa, colorida, bonita e que tenha chamado mais atenção da comunidade em si e dos visitantes.



Figura 3 - Feitura do tapete.

Fonte: Denise Pimenta

- 7 Enquanto isso, havia para além da feitura do tapete, inúmeras cenas ocorrendo em Santana do Parnaíba. No coreto, um grupo de mulheres distribuía mudas de ipê verde por conta de uma campanha de reflorestamento; senhoras e senhores idosos já iam procurando lugares para acompanhar a missa que ocorreria na Praça, na lateral direita de quem olha para a igreja, onde muitas cadeiras brancas de plástico já estavam dispostas para a missa; crianças se espalhavam, corriam, tentavam convencer pais e avós de lhe comparem balões, algodão doce e toda sorte de coloridas quinquilharias que são vendidas nestas festas de religiosidade popular. Completa o cenário a feira de artesanatos que se descortina nos fundos da igreja e em algumas ruas paralelas à praça.



Figura 4 - O Tapete.

Fonte: Rosenilton Oliveira

- 8 Quase hora do almoço, saímos em busca do que comer, e neste momento avistamos um outro lado da festa religiosa, os restaurantes, bares e botecos também fervilhavam de gente. Nestes, visitantes procuravam desde pratos orientais até feijão tropeiro. Tomavam desde vinho, cerveja a pingas. Como tantos outros, comemos nossa refeição sentados na calçada, observando o vai-e-vem da multidão. Ainda usávamos nossas blusas para cobrir do frio, mas o sol forte já avisava como a Missa – antes da procissão – seria agonizante para os olhos.
- 9 Do outro lado dos balcões, comerciantes e não comerciantes de Santana do Parnaíba se dedicavam a improvisar mesas, marmitas, acomodações diversas e muita simpatia para tentar aproveitar a festividade católica que trazia muitos devotos, turistas, devotos-turistas e turistas-devotos à cidade. Pois, as festas do Catolicismo popular nada têm de contraditórias no que poderíamos pensar como sendo extremos que não se tocam como sagrado e profano, fé/devoção e comércio. Ao contrário, existe um *continuum* entre as diversas práticas. Ou seja, aquela pessoa que é membro da paróquia e que se dedica a feitura do tapete, também pode ser a mesma que toma um trago de pinga no boteco ao lado. E o turista que veio à cidade para o descanso do feriado, também é o mesmo que se prostra com emoção e devoção diante da missa e acompanha toda a procissão. Uma “ampla gama de opostos: ordem e marginalidade, solenidade e espontaneidade, repetição e inovação... O episódio revela a interação entre permanência e mudança...” (Cavalcanti, 1999).
- 10 Depois do período do almoço, dirigimo-nos – moradores, visitantes, pesquisadores - à praça de frente para uma das igrejas, onde ocorreu a missa. Esta que como de costume, ainda mais sendo ao ar livre, é um encontro de práticas e percepções de como se deve acompanhar o sermão dos sacerdotes. Há sempre um grupo de jovens que sentados no chão falam em tom mais alto enquanto outras pessoas – idosas, mas também alguns poucos jovens – incomodam-se bastante com as breves falas e comentários. Não deixa de existir uma grande quantidade de olhares atravessados, comentários enviesados e sons de

alerta e chamando ao decoro exigido pelo momento: “psiu!”. Talvez, neste momento, as únicas concordâncias possíveis são de que a homilia parece ser mais longa, mesmo não o sendo na realidade, quando se está debaixo do sol, e de que todos desejariam estar sentados como as senhoras e senhores que haviam garantido suas cadeiras na sombra.

- 11 No palco, que fez as vezes do presbitério, acomodaram-se ao redor do altar, padres, leitores, cantores e demais agentes que participaram mais de perto da manipulação do sagrado ritual (por exemplo, os chamados ministros extraordinários da eucaristia, que auxiliam na distribuição das hóstias consagradas durante a comunhão dos fiéis). Notou-se que quanto mais próximo do palco-presbitério, acomodado nas cadeiras, estivesse o fiel, maior era sua “atenção” na celebração (cantando, aplaudindo, respondendo as orações e reproduzindo o conjunto de gestos que caracterizam a missa católica), enquanto que ao distanciar-se fisicamente do altar, o fervor devocional confundia-se com os outros rituais que se davam no entorno: a conversa descontraída nos bares e restaurantes, o comércio na feira, e a contemplação do tapete.
- 12 A missa que ocorria podia ser considerada o centro da festa, mas sem dúvida havia o que se passava às margens desta. Pessoas conversavam ao longe, crianças entretidas com um mundo outro para além da missa, botecos que abrigavam aqueles que decidiram por lá ficar, ou mesmo, os que do sermão partiram para os bares. Ou seja, o momento da missa não é estático, mas sim, pelo contrário, abraçado pelas margens e cheio de trânsitos.
- 13 Ao fim da missa, seguimos a procissão, momento denso, de atenção e tensão. A frente, iam os sinos e o turíbulo com o incenso e uma cruz ladeada por velas anunciando que o *deus eucarístico* se aproximava. Vinha pelas mãos do sacerdote, sob uma cobertura de pano com seis hastes – o palio – denotando sua realeza. A multidão de fiéis, passantes, fotógrafos se colocavam à beira do caminho, formando um grande corredor humano, deixando livre apenas o tapete. Atrás do sacerdote seguia-se o cortejo de ministros e a população que com piedade e euforia destruía o tapete que outrora havia sido meticulosamente construído.



Figura 5 - A procissão.

Fonte: Rosenilton Oliveira

- 14 Seguíamos os padres, estes sempre à frente carregando todos os símbolos religiosos da festa, com deferência, pompa e circunstância como costuma-se dizer no linguajar popular. As casas também “observavam” a procissão com seus altares improvisados nas janelas e saudavam os passantes. Ali, naquela passagem dos sacerdotes e do povo, de toda a comunidade religiosa alargada, completava-se o ritual, findava-se um ciclo, era o próprio *parfournir*. O tempo estava suspenso, vivia-se o momento extraordinário deste ritual religioso que é tempo agonístico, bem como todos os ritos que envolvem a figura do Cristo, personagem da imagem e do tempo da Paixão vivida como festa.



Figura 6 - Oratório improvisado na janela de uma residência.

Fonte: Rosenilton Oliveira

- 15 Quando a procissão passa, o ciclo e o ritual se completam. E a despeito do que possa parecer, a festa não se acaba, deixando rastros e restos. Os tapetes pisados pela procissão, agora servem para crianças e adultos que brincam com a serragem pisada e espalhada. Estas pessoas que brincam se adiantam com a folia, pois logo atrás vem um pequeno grupo de “garis” limpando os restos daquela performance religiosa. Afinal, o dia seguinte já era “segunda-feira” e a vida deveria seguir sua rotina num tempo linear e não agonístico, o tempo ordinário, do trabalho. Acima dos restos da serragem espalhados e das mãos de quem brinca, a tarde já ia se preparando para se tornar princípio de noite. A imagem de todo aquele fim, resto de festa, lixo de serragem que ia sendo colocada em montes para depois serem jogadas em grandes sacos pretos, convoca ao diálogo o francês Jean Duvignaud (1983). Autor este que se dedicou toda uma vida para refletir sobre as mais variadas festas e como grupos experienciam as mesmas.
- 16 Duvignaud sempre esteve interessado nas margens das festas e em suas relações sociológicas não óbvias e também nas festas revolucionárias. Ou seja, sempre esteve atento ao potencial político, mesmo das festas religiosas. O autor sempre chamou atenção para o tempo, estado barroco como ruptura. Assim, quando a procissão passou, completando o ritual; os varredores seguiam limpando as ruas e os brincantes continuavam brincando. Aqueles restos, aqueles rastros faziam pensar o próprio barroco, a mudança, a ruptura.

- 17 A procissão termina no mesmo ponto onde começou: no palco-presbitério. Ali ainda são realizadas um conjunto de orações e a “benção com o Santíssimo Corpo de Deus”. Termina o rito, mas a festa segue, os fiéis se dispersam, o pôr do sol já se anuncia e o nosso grupo de pesquisadores reúne-se para voltar à São Paulo.
- 18 A solenidade de Corpus Christi tem suas origens na Europa medieval. Conta-se que a iniciativa fora de uma religiosa, Santa Juliana, que convenceu o cura da paróquia belga de Liège, a fazer uma procissão como o “próprio deus”. A promulgação oficial veio em 1264, com a bula pontifícia de Urbano IV² que, desde a cidade espanhola Orvieto, a inscreve no calendário litúrgico católico. A data é significativa: a quinta-feira após a Solenidade de Pentecostes, ou seja, após a festa do Divino, que ocorre cinquenta dias depois da Páscoa. A quinta-feira em que o “deus-pão” sai às ruas, rememora aquela última ceia, em que, diante do pequeno grupo de discípulos, o homem-deus se dá como pão - “*ite missa est*”, vai rezar a Igreja ao longo dos séculos: “ide, esta é a missão”. Foi, entretanto, a piedade popular que acrescentou ao rito a construção de um tapete, talvez tendo presente outra procissão, a do Domingo de Ramos, que marca o início da Semana Santa e relembra a entrada de Jesus em Jerusalém para “sofrer sua paixão”. Narra o texto bíblico que ao verem o Cristo passar sobre um jumento a população deixou pelo caminho seus mantos e ramos de oliveira, formando um grande tapete.
- 19 Desde cedo, quando chegamos à cidade, algo chamava atenção e incomodava. Havia exatamente 14 dias que a presidenta eleita do país - Dilma Rousseff - tinha sido afastada do poder após uma manobra da câmara federal, mas ali em Santana nada lembrava este evento. Nenhum quadro dentre os muitos do longo tapete de serragem tocava em algum assunto político, qualquer que fosse ele; nenhum jovem em um momento de “rebeldia” gritou algo que incomodasse a todos. Pelo contrário, tudo seguia tranquilamente, nenhum grupo mais à esquerda da Igreja Católica se manifestou, mesmo que fosse em representações “subliminares”. Mas havia lá no chão, feita de serragem, a figura de Francisco em suas vestes brancas, irmã Dulce, e cenas que narravam a “misericórdia de deus”, o que por si só parecia não dar conta de denunciar as situações de injustiça e a turbulência política pela qual passava o país.

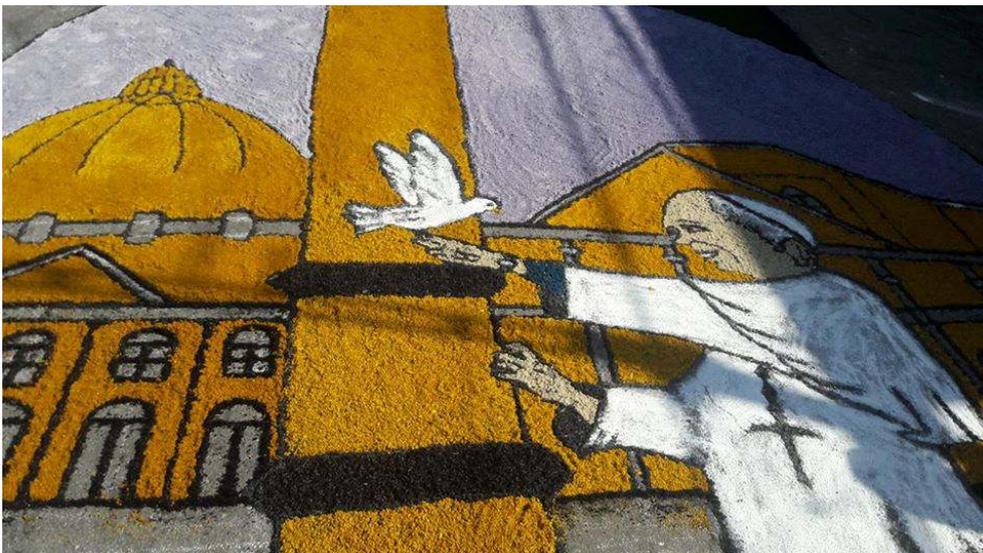


Figura 7 - Painel Papa Francisco.

Fonte: Denise Pimenta

- 20 Porém, aquela festa religiosa da paixão, com seu tempo ritual agonístico, ignorante e aquém da conjuntura política, fazia pensar o momento barroco, de transformação e possível ruptura da conjuntura política brasileira e de certa forma mundial, onde aí então se insere Francisco, Papa dos pobres e do “combate” ao Capitalismo. Aquela festa católica agonística fazia pensar outro momento agonístico, o político. Assim, estávamos dentro de uma festa, momento de suspensão que remetia a outro grande momento extraordinário, um tempo político suspenso, denso e tenso como o próprio tempo do ritual religioso:

Esta dramatização fantástica é própria do barroco da América Latina. Invocamo-la aqui porque ela sugere uma festa fantástica e perpetuamente inacabada. É a arte de uma situação de ruptura onde surgem as formas de espontaneidade... Definir o barroco através do caráter simples de uma arte de passagem é insuficiente. Mais interessante é nela entrever um princípio de ansiedade e inquietude. Seria o barroco atributo da cultura das épocas de transição? (...) O que é chamado de barroco... presença, sim, a confusão do homem, privado da sua cultura tradicional, homem que tortura as formas legadas pela cultura, sem possuir ainda capacidade para conhecer expressões novas nem inventar padrões desconhecidos. (Duvignaud, 1983).

- 21 Portanto, ao final do dia, aquele tempo ritual agonístico de suspensão católico não estava tão distante da conjuntura política; de certa forma, pensava ele a própria política, e revelava a própria complexidade da sociedade da sociedade brasileira: a capacidade de celebrar a paixão como festa.

BIBLIOGRAFIA

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 1999. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

DUVIGNAUD, Jean. 1983. *Festas e civilizações*. Fortaleza: Edições da Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

OLIVEIRA, Rosenilton S. 2016. *Orixás: a manifestação cultural de deus – uma análise das liturgias católicas inculturadas*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias.

URBANO IV. *Transiturus de mundo*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/urbanus-iv/es/documents/bulla-transiturus-de-mundo-11-aug-1264.html> Acesso em 08 de dezembro de 2016.

NOTAS

1. A Campanha da Fraternidade é uma ação realizada pela Igreja Católica através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Cáritas Brasileira, cujo objetivo é ampliar a evangelização. Surgiu com uma ação da Cáritas Brasileira para arrecadar fundos para os trabalhos beneficentes. Incorporada pela CNBB tornou-se um mecanismo de defesa dos interesses sociais dos menos favorecidos e uma forma de alertar sobre problemas sociais gerais além de arrecadar fundos para efetivar os projetos ligados com cada tema, o qual é escolhido anualmente. (OLIVEIRA, 2016).

2. *Transitus de mundo*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/urbanus-iv/es/documents/bulla-transitus-de-mundo-11-aug-1264.html> Acesso em 08 de dezembro de 2016.

AUTORES

DENISE PIMENTA

Doutoranda em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP), pesquisadora no Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (GERM/NAU) e no Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (NAPEDRA/USP)

ROSENILTON OLIVEIRA

Doutorando em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP) e na Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), pesquisador no Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (GERM/NAU) e no Centro de estudos de religiosidades contemporâneas das culturas negras (CERNe/USP)